

# Alexandra Alpha faz crescer a "fome de novo"

*1987 vai ficar como o ano de Alexandra Alpha... apesar da justiça que a outros é feita. 1988 bem poderia ser o ano de arranque da «escrita criativa», mesmo que isso signifique inventar um seminário que lhe sirva de fábrica.*

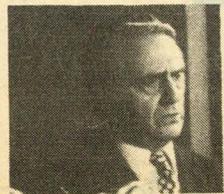
Em matéria de ficção de autores portugueses, 1987 terá porventura sido o ano de «Alexandra Alpha», como 1986 foi o de «Um Amor Feliz» e de «Jangada de Pedra». Redução injusta? Sem dúvida: os factos são injustos, para além do que cada um pensa dos romances citados e do darwinismo reinante na edição.

Mas «Alexandra Alpha» — até as vendas o confirmam — é, de facto, «um amor português»: de-



Ele vai marcar o ano com o seu selo; eis um reconhecimento que é devido ao autor, José Cardoso Pires.

«Até ao fim» ficção terminal de



Vergílio Ferreira que parece fechar um ciclo de romances, desembocando numa relação com um filho e numa reflexão sobre a morte, está sem dúvida entre os livros notáveis do ano. E com ele teremos de citar «Quatro Últimas Canções» em estreia como romancista do poeta Vasco Graça Moura, «Esta Noite Sonhei com Brueghel», de uma Fernanda Botelho regressada de quinze anos de silêncio, e «Alguns Lugares Muito Comuns» de Eduarda Dionísio, que vem confirmar a originalidade do percurso da autora de «Retrato de Um Amigo Enquanto Falo».



Graça Moura romancista é surpreendente, surgindo com um texto simbolicamente ritmado por música, e onde se afirma o fôlego regular de um grande narrador.

Fernanda Botelho articula um conjunto de registos da memória



como alguém que se sentiu mudar de pele, num ciclo a um tempo natural e cultural. O seu intimismo é

rico, os seus personagens são um convite ao jogo de espelhos da identificação.

Eduarda Dionísio separa blocos narrativos como quem agrupa tex-



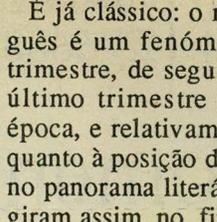
tos sob uma metalinguagem, como se os classificasse, num exercício de «eu dividido» a quem custa sair das experiências vividas nos anos 70.

Em lugar forçosamente à parte surge, com o morrer do ano, novo volume do «Diário» de Maria Gabriela Llansol, a escritora que lida com o «corpus» mais complexo e mais persistente da literatura portuguesa contemporânea. Tem-se o sentimento de que o «Diário» é a fábrica das suas restantes ficções, ou pelo menos a instância que deliberadamente manifesta o intertexto que Gabriela transporta.

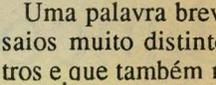
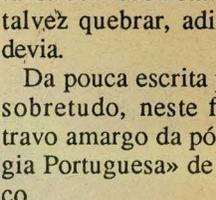
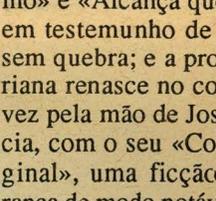
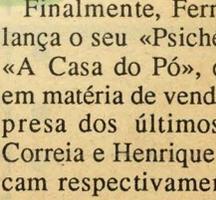
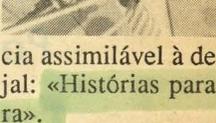
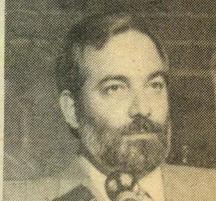
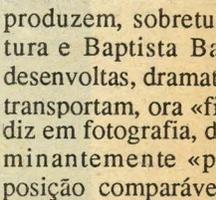
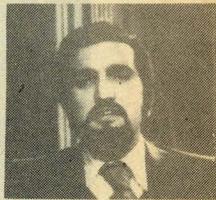
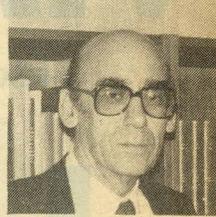
Contra a corrente quero salienta o lugar de «O mundo em que vivi»



de Ilse Losa, erradamente esquecido devido ao seu cunho de «livro de memórias», e o inesperado «Espingardas e Música Clássica», de Alexandre Pinheiro Torres, construção estável de um autor experimentado, apesar de um «spleen» que a mergulha na zona morna da ficção deste ano.



É já clássico: o romance português é um fenómeno de último trimestre, de segunda metade do último trimestre até. Frutos da época, e relativamente solidários quanto à posição dos seus autores no panorama literário actual, surgiram assim, no final do ano, o



«Março Desavindo» de Mário Ventura e «A Colina de Cristal», de Baptista Bastos, a que veio juntar-se a esperada estreia de Artur Portela como autor de ficção científica, «Três lágrimas amargas». Jornalistas, cronistas, homens dos media e também autores de literatura,

produzem, sobretudo Mário Ventura e Baptista Bastos, histórias desventoladas, dramatizações que ora transportam, ora «fixam», como se diz em fotografia, discursos predominantemente «políticos». Em posição comparável se encontra

Joaquim Letria, que também este ano se deixou tentar pela ficção do quotidiano, e que publica uma experiência assimilável à de Mário Zambujal: «Histórias para ler e deitar fora».

Finalmente, Fernando Campos lança o seu «Psiché», melhor que

«A Casa do Pó», que foi talvez, em matéria de vendas, a maior surpresa dos últimos anos; Hélia Correia e Henrique Nicolau publicam respectivamente «Montedemo» e «Alcança quem não cansa», em testemunho de uma produção sem quebra; e a problemática açoriana renasce no continente, desta vez pela mão de José Martins Garcia, com o seu «Contrabando Original», uma ficção rica e que arranca de modo notável, deixando-se talvez quebrar, adiante, onde não devia.

Da pouca escrita para teatro fica sobretudo, neste final de ano, o travo amargo da póstuma «Trilogia Portuguesa» de Miguel Rovisco.

Uma palavra breve para três ensaios muito distintos uns dos outros e que também marcarão, à sua maneira, o ano que termina: «Entre



Fialho e Nemésio», de Óscar Lopes, é um enorme esforço de perspectivação do trabalho literário entre a geração de 70 e os últimos presencistas. «Linguagem e Filosofia», de Fernando Belo, rebata sobre os anos 80 as questões que têm penetrado o discurso filosófico a partir do «linguistic turn». E o «Aquilino em Paris», de Jorge Reis, totalmente ignorado pela crítica, relançará talvez a paixão dos aquilistas pelos rostos menos conhecidos do seu autor preferido.

Dignos de menção neste «balanço de ficções» — perdoe-se o deslocado destas linhas — são alguns factos referentes à vida da edição propriamente dita: casa como a «Relógio d'Água», a «Contexto», a «Quetzal» e a «Fragmentos» confirmaram (nos dois primeiros exemplos) ou afirmaram (nos dois últimos) a viabilidade de empresas de dimensão média, parecendo dar razão ao que o «Cículo de Leitores» (numa outra escala de grandeza) tem vindo a afirmar: que não há, ou pode não haver, crise do livro em Portugal.

No reverso da medalha, as experiências da «Moraes» e da «Ulmeiro» e as águas difíceis em que navegam tantas editoras sublinham, por contraste, que o «risco» é muito grande, mesmo para editores experimentados.

1988 será decerto um ano em que a laminagem dos editores pelo mercado se acentuará... o que não significa que não haja mercado para o livro, em Portugal.

Quando se anunciam novas ficções importantes — «Missa in



Albis», de Maria Velho da Costa e o «romance erótico», de Almeida Faria, entre outras — vale a pena desejar que se confirme a existência de um lugar para os novos (que não são necessariamente «jovens»). Mesmo que ele exigisse a invenção de algum seminário de «creative writing». Mas, a propósito: não valeria mesmo a pena inventá-lo?

João Mendes